

Meu nome emprestado

Cleber Maximiniano

Andou mais alguns metros, viu o riacho logo abaixo. A cabeça doía muito. Colocou a mão na fronte, sentiu o hematoma inchado e o sangramento quase estancado. Lembrava-se apenas de ter acordado, há pouco mais de uma hora, porque olhara no relógio de pulso. Simplesmente esquecera de tudo: sua memória contava apenas com os fatos ocorridos depois de acordar. Enfiou a mão nos bolsos, procurou e nada; nenhum documento, chaves, qualquer indício que lhe pudesse dizer o seu nome, idade, endereço, ou qualquer coisa. Tentou raciocinar: se perdera a memória anterior, pode ser que houvesse indícios dela no local do acidente. Caminhou de volta até onde acordara. Viu no chão os sinais de suas mãos e dos pés, ao lado do galho seco com respingos de sangue. Olhou para os lados e nenhum deles era o seu passado. Era isso, o galho que despencou da árvore, por conta da ventania, atingira-o bem na parte frontal da cabeça. Estiou, mas o vento balançava as folhas no alto. Dava para ver o céu escuro; o chão molhado tornava perigosa a sua descida. Com esforço e segurando-se num tronco ou outro, conseguiu chegar até o pequeno riacho de águas cristalinas, abaixo uns cinquenta metros. Em seguida, mirou-se no espelho d'água, num pequeno remanso, na lateral do curso d'água. Enxergou o resto de sangue coagulado, no que ele passou a mão devagar e foi removendo, até enxergar a extensão do ferimento.

Sem nome, sem rumo, sem documentos, sentou-se para descansar. Mesmo com dor, conseguia estabelecer o raciocínio. Ordenava os fatos, eram poucos desde que acordara há pouco mais de uma hora. Anterior a isso, nada, tudo em branco, como se tivesse sido deletado da sua cabeça. Algumas sensações ele ainda tinha consigo, como a noção das horas, a percepção do curso do dia, ainda que sombrio. Olhou para os pés, reparou que era um calçado apropriado para escalada, a roupa também, leve e confortável. Pode ser que levasse consigo alguma mochila com alimentos, água, lanterna, essas coisas que os caminheiros levam consigo nas suas jornadas. Estranho ele possuir o conceito dessas particularidades, do cotidiano, sem se lembrar de si. Como pode um sem-nome saber que existe mochilas, sapatilhas de caminhadas, sem se lembrar da própria identidade? Mais uma vez voltou ao local onde tinha acordado, depois da pancada na cabeça. Nada, nenhum sinal de mochila, ou algum outro objeto. Pensou em achar alguma pista, algum rastro que denotasse a sua rota anterior, mas a chuva tinha apagado com tudo. Riu de si, depois falou alto: "Estou no mato sem cachorro!" Mais uma particularidade que ele não tinha esquecido: dos animais. Enquanto caminhava para o plano inferior, desistido das buscas de objetos pessoais, um pensamento se aprontava na sua mente: "É mais sensato caminhar no sentido da descida, deve haver algum outro sinal de vida, trilhas, gente, informações. A sensatez também lhe dizia que havia no mundo uma quantidade absurda de informações, tinha essa

sensação, pode ser que trabalhasse com elas, que as manejasse! Pensou: "Não sei quem sou, mas a minha cabeça me conforta nessa busca de sobrevivência."

Caminhou devagar, escolhendo os lugares onde pisar. Deixou de lado o pequeno córrego de águas frias e cristalinas. Que estação seria aquela? Tentou encontrar o sol entre as copas das árvores, mas havia nuvens, a maioria escura. Ainda estava longe do sopé da montanha. Nisso, teve a ideia de acompanhar o curso d'água na sua descida, era mais provável encontrar algum sinal de vida naquela direção. Voltou um pouco na perpendicular e juntou-se à sua margem esquerda, sempre devagar. "Que nome eu tenho, afinal, o que faço da vida, além de subir montanhas solitariamente?" Perguntou-se. A cabeça latejava um pouco, os joelhos lhe doíam e justificou isso pelo esforço que supostamente tivesse feito na subida e agora na descida. Pouco a pouco, a montanha foi ficando no alto. Com todas aquelas nuvens a noite seria sem lua, o mais provável. Temia os buracos, os lugares falsos de pisar. Outro tombo e poderia acordar noutro mundo. Ele se sentia apartado de si, mas não a ponto de não compreender a sua situação de perigo. A pancada na cabeça apagou o seu passado, mas não o fez com a sua consciência humana, seu instinto de sobrevivência. E procurava no relógio de pulso as horas, buscando compará-las com a fraca luminosidade no céu, filtrada pelas folhas das árvores. Disso concluiu que ainda restavam algumas horas antes do sol se esconder. Faltava o que comer. O estômago reclamava a ausência de alimento. Se ele subiu a montanha consciente dos riscos, previu tudo isso, com certeza. Pode ser que tivesse à sua disposição algum abrigo lá no alto, alguma cabana com alimentos, cama e tudo o mais. Mas agora, naquele estado, o mais racional seria descer. Encontrar alguém, algum latido de cão, qualquer coisa que o levasse de volta ao mundo da urbanidade. O riacho, seria ele a sua salvação. Pensou: "A história da humanidade foi construída às margens de rios e riachos. Como sei disso? Não sei. Estou indo pelo piloto automático." Andava com atenção a tudo; se percebia algum movimento de vida ou coisas, parava instantaneamente.

Quando a tarde foi se aproximando, ele ouviu um som diferente: alguém batendo em madeira seca, como o som de algum instrumento de ferro. Seguiu na direção do barulho, um pouco à esquerda do riacho. De longe avistou a casa de madeira com a chaminé fumegante. Na frente dela, o vulto de um homem de cabelos longos, barba de muito tempo, segurando uma ferramenta. Mais à frente conseguiu ver que era mesmo um machado com o qual ele preparava a sua lenha. Aproximou-se, saudou-o, ainda à meia distância. Quando o viu, o sujeito parou o machado e perguntou:

"Qual o seu nome, amigo?"

"Por ora, não tenho!"

"Como assim?"

"Eu me esqueci de tudo: nome, endereço, identidade! Um acidente, um galho de árvore que poderia ter caído dois segundos antes."

"Fez um estrago feio na sua testa, com galo e tudo! E as suas coisas, carteira, celular?"

"Voltei ao local do acidente e nada! E você, vive aqui?"

"Ah, sim! Prazer, sou o Julião!"

"É caçador, eremita, alguma coisa assim?"

"Nada. Só alguém tentando se desvencilhar do passado, mas sem sucesso!"

"E eu tentando recuperá-lo, Julião. Não sei se tenho família, perdi os documentos, sou quase um invisível!"

"Do meu ponto de vista, está com sorte, amigo, pelo menos momentaneamente! Como posso chamá-lo?"

"Não sei. Tem algum nome para me emprestar, por ora?"

"Sempre se tem! Que nome prefere: José, Salustiano, Ed?"

"Ed? Pode ser. É curto, fácil de memorizar, apesar de que... me lembro de tudo, depois do acidente."

"Pois então, seu Ed, venha conhecer a minha cabana!"

Entraram pelo que se pode chamar de cozinha. Uma mesa com duas cadeiras de madeira. À direita um fogão a lenha, com brasas ainda acesas, uma chaleira sobre a trempe. Um pequeno varal de madeira sobre o fogão, para a defumação das linguiças, o coador de pano para o café, canecas, uma bilha com água, o telhado enegrecido pela fumaça, tudo simples. Depois a sala com um sofá antigo, uma pequena estante com alguns livros. No quarto, a cama e um pequeno guarda-roupas de madeira. Julião abriu as janelas da sala para captar o resto de luz da tarde.

"Costumo fechar as janelas durante o dia, por causa de alguns morcegos. Eles insistem em vir para cá. Às vezes, carrego folhas de eucalipto para cá e eles somem. Convivência pacífica e negociada!"

"Não sente saudade da cidade, Julião?"

"Às vezes, sim. Mas daí vou até a venda do Valdir, levo o meu celular, carrego, vejo as notícias e depois volto. Ei, Ed, você deve ter celular, não se lembra do número?"

"Nada! Deu branco total."

"Se soubesse, poderíamos tentar encontrá-lo na montanha. Você obteria seus contatos e tudo estaria resolvido!"

"Na verdade, Julião, acho que preciso de um plano de sobrevivência e ele inclui essa venda que você falou!"

"Venda do Valdir! Fica a uns dois quilômetros daqui. De lá, você pode conseguir uma carona, ir até a cidade, procurar os bombeiros e pronto! Tudo resolvido!"

"É, acho que vai dar certo!"

O mais sensato seria esperar pelo dia seguinte. A noite cobriu tudo, ficou de fora a fumaça da chaminé, quase invisível. Julião passou o café, fritou a linguiça defumada, esquentou o pão na frigideira e foi para junto de Ed. Enquanto isso, este passeava os olhos pela sala. Viu os livros de autoajuda, perguntou se o amigo anfitrião tinha preferência por algum deles.

"Nenhum! Aliás, só leio quando a minha mente está no mais seco deserto de ideias!"

"E onde os consegue?"

"Minha cunhada os traz. Acha que eu tenho cara de leitor!"

"Com essa barba, até eu acho isso!"

"E você, tem pecha de leitor, Ed?"

"É possível, mas isso está agora no passado, por enquanto!"

"Doce passado, atiramos-te ao abismo, mas não nos inclinamos para ver se estás, de fato, morto!"

"De onde tirou isso, Julião?"

"De algum desses livros. Acho que é de Shakespeare! Mas, como você se esqueceu do seu passado, um brinde ao esquecimento!"

"Um brinde a um sem-passado e a outro que o rejeita! Estou certo?"

Estava na cara que ele o rejeitava. Julião ligava-se ao seu passado, talvez como a aranha se liga à teia, descendo pelo fio, a balançar; porém, sem a habilidade dela. Ed, temeroso de entrar na intimidade do amigo, perguntou-lhe o que era tão assombroso nele. Julião lhe explicou que uma doença chamada de Covid-19, da qual Ed não se lembrava, obviamente, tinha carregado com a sua esposa e todos os seus sonhos. Pronto! Ed tinha compreendido o seu estado de eremita, a visita dos parentes, os livros de autoajuda. Estava ali para um período de cura, sem se desvencilhar totalmente da sociedade. É certo que esta causa frustrações, mas não se pode viver sem ela. Através do Valdir, com a sua venda, vinham-lhe os víveres, algumas notícias e alguns momentos de conversa. Por isso, interagir com Ed, ali naquele momento, parecia-lhe o supramundo da convivência social. Além disso, não obstante a condição de desmemoriado, Ed lhe parecia ser um sujeito atencioso, sem os vícios que a sociedade impinge.

"Pode alguém ser feliz sem passado, Julião?"

"Eu tenho tentado, Ed, mas ainda não tenho uma conclusão sobre isso!"

"Vou refazer a pergunta! O passado, com dor ou sem dor, não é essencial?"

"Se eu pudesse, Ed, deixaria só o passado sem dor. Veja o seu caso: você recebeu emprestado o nome Ed. Tem alguma lembrança dolorida relacionada com Ed? Nenhuma. É mais fácil, Cara!"

"Eu não sei se excluiria o passado com dor. Explico melhor: desde o momento em que o galho seco atingiu a minha cabeça, isso lá por volta do meio-dia, eu já formei esse pequenino passado de perrengue e dor física, de estar perdido, mas eu aposto nele, minha mente aposta na sua essencialidade, acredita?"

"Você está falando de evolução através do passado? Cara, eu vim para cá, longe de tudo, para tentar esquecer. Fico lendo esses livros para ocupar a cabeça e não enlouquecer, entende?"

"Você vai superar, Julião! A gente precisa confiar na lógica! E olha que eu não sei quem sou, não me lembro do número de pix, e tudo mais!"

"Como você sabe que existem essas coisas: número de pix, lógica de sobrevivência?"

"Não sei como, mas é como eu disse: minha mente aposta nisso. Senão eu não teria chegado até aqui!"

"É verdade!"

"Veja que coisa interessante, Julião: Para conseguir viver em sociedade é necessário suprimir desejos, vontades; mas, longe dela também!"

"Ei, Ed! Eu nunca tinha pensado nisso! Cara, sua mente deve estar brincando com você!"

A cabana em que o Julião vivia, nos últimos anos, era isolada, mas nem tanto. Havia estradas vicinais, matas seminativas, plantios de reflorestamento, e uma natureza exuberante, com pequenos riachos, fauna e tudo em paz. Só ele, o Julião, parecia um estranho no ninho. Ed acreditava que o passado serviria para criar um novo presente, Julião rejeitava essa hipótese. "Como pode? Um sujeito que nem se lembra do próprio passado, acreditar nisso!?" Pensou Julião! O cansaço daquele dia venceu os dois. Primeiro Ed, que se aboletou no sofá; depois, Julião que ainda foi à cozinha, bebeu água da bilha. Quando amanheceu, a testa de Ed continuava inchada e ele teve de ser lembrado de onde estava, do nome emprestado e do seu plano de sobrevivência. Reclamou de dor na cabeça, admirou-se do rito de Julião, um rito adaptado à ausência de outros seres humanos.

"O que estaria fazendo agora, Ed? Digo, se não tivesse colocado a testa na rota vertical do galho seco?"

"Nem sei, sinceramente nem sei!"

"Pronto para a caminhada até a venda da Valdir?"

"Claro! Com toda a certeza."

Caminharam. Durante o trajeto, conversaram ainda. A cabeça conduz o corpo inconscientemente. Ed, sem saber explicar o motivo, sentia que estava no caminho certo. Que dali a algumas horas daria notícias a algum parente, esposa, que depois o viriam buscar e levá-lo ao hospital, providenciar-lhe a reintrodução à vida social. De seu lado, Julião também ia contente, por ter tido aqueles momentos de convívio. Deu vontade de ligar para os parentes, falar qualquer coisa, nem que fosse para dizer que o céu estava limpo, sem probabilidade de chuva. Lembrou do que sentia quando ali chegou: um vazio, uma incapacidade de tocar a vida. O aluguel da cabana a ser pago, o contrato, as contas a vencer, tudo por conta do irmão e da cunhada. As mudanças vieram sem que ele as quisesse. Tornou-se prisioneiro do próprio passado. Ele e Ed conviveram por menos de um dia e ele já sentia alguma coisa mudar dentro de si. A vontade racional do seu amigo em seguir para o futuro, mesmo tendo perdido a memória passada, isso foi decisivo. Em algum momento pensou que reorganizaria a vida passo a passo, aos pouquinhos, mas de repente um estalo! Eis que volta o sentido das coisas. Chegaram. O fardo de víveres estava à sua espera. Valdir apertou a mão de Ed, se prontificou a ajudá-lo.

"O que você vai fazer eu sei, Ed! Estou pensando no que eu vou fazer!"

"Voltar para a cidade, deixar de ser um quase-salesiano?"

"Como sabe?"

"Pela sua cara, Julião, pelo seu jeito de conversar!"

"Caramba! Quando recobrar a memória e descobrir a sua profissão, me fale!"

"Com certeza!"

"Ah, é notório que você vai se lembrar do seu nome verdadeiro, mas para mim vai continuar sendo Ed."

"Fique em paz, Julião!"

A manhã parecia ser a mesma de sempre, mas não era; nem para um, nem para o outro. Alguma coisa que parece estar no ar, mas na verdade está dentro da pessoa. Tudo acontece lá, no fundo do leito, onde a correnteza da vida passa e vai deixando os seus sinais. No fundo, foi a pessoa que mexeu os seus pauzinhos, assoprou a brasa e fez reviver o fogo da vida. Julião pegou o fardo de alimentos e necessidades, estendeu a mão para o Ed. Antes de dizer o adeus, entregou-lhe um papel escrito com o telefone e o endereço da sociedade com o irmão: Arte & Pão.

